



# Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador  
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852  
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS  
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com  
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano XI

N.º 33

Abril / Setembro de 2021

## NO ANO DA MORTE DE ANTÓNIO BARROSO...

### REMELHE E A PNEUMÓNICA DE 1918

Por **António Júlio Limpo Trigueiros SJ**

A gripe espanhola, que em Portugal ficou conhecida como pneumónica, apareceu de modo súbito em janeiro de 1918 e durou até dezembro de 1920, tendo infetado 500 milhões de pessoas em todo o mundo (cerca de ¼ da população mundial) e poderá ter dizimado cerca de 50 milhões de vidas humanas.

Na revista *Brotéria* de Novembro de 1918 e na de Janeiro de 1919, o então diretor da revista P. Joaquim Silva Tavares refere a evolução da epidemia e os seus principais sintomas:

"Depois de aparecer bruscamente na última primavera em Madrid, daí se espalhou para toda a nação, para Portugal, França, Itália, Suíça, Alemanha, Inglaterra e outros países do Norte, causando bastantes vítimas. No momento em que estou escrevendo, a epidemia grassa largamente por quasi toda a Hespanha e Portugal, em particular por Trás os Montes e Minho, alarmando justamente as populações pela malignidade com que se apresenta sob três formas diferentes — 1) casos fulminantes que victimam em poucas horas; 2) broncho-pneumonia, de consequências muita vez fatais; 3) forma benigna, a mais commum, por felicidade". (*Brotéria – Vulgarização Científica*, XVI-VI, Nov. 1918, 281-286).

"A gripe atual, porém, ataca de preferência aos novos (de 15 aos 45 anos), não tendo causado ainda nenhuma defunção só por si. Mostra, contudo, uma tendência muito pronunciada a complicar-se com outros agentes patogênicos, sendo estas complicações frequentemente desastrosas. Só em Portugal tinham morrido destas complicações em fins de outubro [de 1918] mais de 25.000 pessoas, e julgase que na Europa a mortandade nos atacados de gripe-pneumónica é de 10 %". (*Brotéria – Vulgarização Científica*, XVII - I, Jan. 1919, 35-36).

Em 1918, como aconteceu em todo o concelho de Barcelos, também em Remelhe se registaram vítimas mortais da pneumónica ou gripe espanhola. Felizmente pelos registos paroquiais apercebemo-nos de que terão sido relativamente poucas. Mesmo assim em 1918 o número médio de mortes em Remelhe triplicou. Nos primeiros anos da República a média de pessoas que morriam em Remelhe era de dez óbitos por ano. No ano de 1918 registaram-

-se trinta óbitos em Remelhe. Embora a pneumónica só tenha atingido Remelhe nos finais do ano, segundo testemunho que ouvi a pessoas desse tempo, os primeiros falecimentos deram-se pouco antes da morte de D. António Barroso, que, como sabemos, morreu a 31 de Agosto desse ano de 1918. De facto o número de óbitos entre Julho e Dezembro de 1918 chegou a 25 só em seis meses.

Embora os tempos fossem outros, havia a consciência de que o contágio era muito alto, e as pessoas também procuravam respeitar o isolamento social. O médico que tratou muitos remelhenses, Dr. José Beleza, morreu ele próprio vítima da pneumónica. Como nos informam as notícias acima transcritas, também em Remelhe a doença atingiu muita gente jovem.

Até Abril de 1918 tinham morrido em Remelhe cinco pessoas, mas a situação agrava-se a partir de Julho, com quatro mortes nesse mês, quatro mortes em Agosto, três mortes em Setembro e três mortes em Outubro. Mas o pico de óbitos ocorreu no mês de Novembro, talvez com o início do tempo frio, em que morreram oito pessoas em Remelhe, voltando no mês de Dezembro ao número de três óbitos. O número de óbitos em 1919 voltou aos valores médios habituais.

Aqui fica a lista dos trinta óbitos na freguesia de Remelhe (nos quais inclui D. António Barroso que mesmo tendo falecido no Porto veio a sepultar a Remelhe) ocorridos no ano de 1918.

**1 - António Ferreira de Araújo**, de sessenta e cinco anos de idade, vendedor, viúvo de Violante Pereira da Silva, filho de Manuel Ferreira de Araújo e de Maria Fernandes Lopes, morador no lugar da Igreja, faleceu a 13 de Janeiro de 1918.

**2 - António Esteves da Silva**, de dois meses de idade, filho de José António da Silva e de Ana Maria Esteves, lavradores, moradores no lugar de Vilar, faleceu a 24 de Janeiro de 1918.

**3 - Adelino Gomes Rodrigues**, de sete meses de idade, filho de José António Rodrigues e de Maria Rosa Gomes, moradores no lugar da Torre de Moldes, faleceu a 6 de Fevereiro de 1918.

**4 - Mateus de Brito Pereira**, de quatro dias de idade, filho de Domingos Pereira, pedreiro e de

(Continua na pág. 2)



António Júlio de Faria Limpo Trigueiros, natural da freguesia de Remelhe, concelho de Barcelos, onde nasceu em 1966, é jesuíta desde 1989 e sacerdote desde 2002. Licenciado em Filosofia e Humanidades, pela Faculdade de Filosofia (UCP- Braga) e em História da Igreja, pela Universidade Gregoriana (Roma), doutorou-se em História Moderna pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, especializando-se em história dos Jesuítas portugueses no século XVIII.

É sócio do Instituto Português de Heráldica e membro da Academia Portuguesa de História.

Director da Revista *Brotéria* desde 2017. Pároco de S. Roque e Capelão da Santa Casa da Misericórdia., em Lisboa

O distinto autor do trabalho que agora publicamos é também um conhecedor atento da vida e da obra do Venerável D. António Barroso, a quem está ligado por laços diversos. Bernardo Limpo da Fonseca, seu antepassado, foi amigo e benfeitor do então adolescente António José Barroso, apoiando-o na opção pela vida missionária.

Membro da Companhia de Jesus, que D. António Barroso tanto estimava, é sobrinho da D.ª Otilia Barroso Limpo Trigueiros, sobrinha-neta de D. António Barroso e decana da família Barroso.

Maria da Silva Brito, do lugar do Lombão, faleceu a 11 de Fevereiro de 1918.

**5 - Manuel José Campinho**, de oitenta anos de idade, ferreiro, casado com Maria Luísa, filho de António José Campinho e de Ana Joaquina, moradores no lugar de Vilar, faleceu a 13 de Abril de 1918.

**6 - Florinda da Costa**, de nove meses de idade, filha de José Lopes da Costa e de Rosa da Silva, jornaleiros, moradores no lugar do Garrido, faleceu a 19 de Julho de 1918.

**7 - Maria Rosa de Carvalho**, de quarenta e cinco anos de idade, casada com Manuel Francisco da Silva, lavradores, filha de Manuel Francisco de Carvalho e de Teresa Maria, moradores no lugar de Remelhe, faleceu a 27 de Julho de 1918.

**8 - Ana Rodrigues**, de trinta e dois anos de idade, solteira, serviçal, filha de Joaquim António Rodrigues e de Maria Rosa Gonçalves, moradores no lugar da Torre de Moldes, faleceu a 30 de Julho de 1918.

**9 - Domingos da Costa**, de três meses de idade, filho natural de Joaquina da Costa, solteira, jornaleira, moradora no lugar da Torre de Moldes, falecido a 15 de Agosto de 1918.

**10 - Joaquina Esteves da Silva**, de quinze meses de idade, filha de José António da Silva e de Ana Maria Esteves, moradores no lugar de Vilar, faleceu a 18 de Agosto de 1918.

**11 - Deolinda de Carvalho Martins**, de trinta e cinco anos de idade, solteira, filha de Manuel Gomes Martins e de Maria Gomes de Carvalho, jornaleiros, moradores no lugar da Torre de Moldes, faleceu a 27 de Agosto de 1918.

**12 - D. António José de Sousa Barroso**, de sessenta e três anos de idade, Bispo do Porto, filho de José António de Sousa Júnior e de Eufrosina Rosa Barroso, morador no Paço de Saicais, no Porto, faleceu a 31 de Agosto de 1918 e foi sepultado no cemitério de Remelhe a 5 de Setembro de 1918.

**13 - Domingos de Araújo**, de trinta e quatro anos de idade, casado com Adelaide Gomes Veiga, filho de Francisco de Araújo e de Teresa de Jesus, moradores no lugar da Igreja, faleceu a 3 de Setembro de 1918.

**14 - João Veiga de Araújo**, de cinquenta e quatro dias de idade, filho de Domingos de Araújo e de Adelaide Gomes Veiga, moradores no lugar da Igreja, faleceu a 5 de Setembro de 1918.

**15 - Manuel Gomes do Vale**, de dez meses de idade, filho de José António do Vale e de Lucinda Fernandes Gomes, lavradores, moradores no lugar da Quintão, faleceu a 5 de Setembro de 1918.

**16 - Domingos de Brito**, de cinquenta e nove anos de idade, mendigante, casado com Clementina Rosa de Oliveira, filho de António de Brito e de Eusébia da Copeira, morador no lugar da Torre, faleceu a 5 de Outubro de 1918.

**17 - Ana Lopes de Oliveira**, de cinquenta e oito anos de idade, lavradeira, casada com António Gomes dos Penedos, filha de Domingos Lopes e de Luísa de Oliveira, moradora no lugar da Portela, faleceu a 5 de Outubro de 1918.

**18 - José Gomes**, vinte e oito anos de idade, solteiro, lavrador, filho de António Gomes e de Rosa Alves, morador no lugar da Portela, faleceu a 28 de Outubro de 1918.

**19 - Alexandre José Simões**, de onze anos de idade, solteiro, lavrador, filho de António



**Cristina Macedo Pinheiro Barroso e sua filha Adozinda**

José Simões e de Joaquina Rosa Alves, morador no lugar da Torre de Moldes, faleceu a 7 de Novembro de 1918.

**20 - Domingos da Silva**, de doze anos de idade, solteiro, filho natural de Rosa da Silva, solteira, morador no lugar do Monte, faleceu a 7 de Novembro de 1918.

**21 - Manuel da Silva**, de sete anos de idade, solteiro, filho natural de Rosa da Silva, solteira, morador no lugar do Monte, faleceu a 8 de Novembro de 1918.

**22 - Teresa Martins da Costa**, de quatro anos de idade, filha de José Gomes da Costa e de Mariana Martins da Cruz, moradores no lugar da Torre de Moldes, faleceu a 9 de Novembro de 1918.

**23 - Adelino Gomes Ferreira**, de vinte e seis anos de idade, solteiro, lavrador, filho natural de Joaquina Rosa Delfina, moradores no lugar da Quintão, faleceu a 13 de Novembro de 1918.

**24 - Maria Gomes da Silva**, de trinta e quatro anos de idade, lavradeira, casada com António Araújo da Torre, filha de António José Martins e de Marcelina Gomes da Silva, moradora no lugar de Casal Novo, faleceu a 15 de Novembro de 1918.

**25 - Cristina de Jesus Macedo Pinheiro**, de trinta e dois anos de idade, professora, casada com António de Sousa Barroso, filha de José António Pinheiro e de Maria Josefa de Macedo, moradora no lugar do Bacelo, faleceu a 15 de Novembro de 1918.

**26 - Luísa Brito de Faria**, de sete anos de idade, solteira, filha de Joaquim de Faria e de Florinda da Silva Brito, lavradores, moradora no lugar da Covinha, faleceu a 29 de Novembro de 1918.

**27 - Teresa de Jesus Pereira Barbosa**, viúva de António José da Silva, lavradores, filha de Germano José Lopes de Oliveira e de Maria Barbosa, moradora no lugar de Vilar, falecida a 29 de Novembro de 1918.

**28 - Laurentino Lopes da Costa**, de dois anos de idade, filho ilegítimo de Gracinda Lopes da Costa, solteira, serviçal, moradores no lugar de Vilar, faleceu a 5 de Dezembro de 1918.

**29 - José Gomes do Vale**, de catorze dias de idade, filho de José António do Vale e de Lu-

cinda Fernandes Gomes, moradores no lugar do Sobreiro, faleceu a 10 de Dezembro de 1918.

**30 - Manuel Esteves**, de oitenta e três anos de idade, cesteiro, viúvo de Josefa Maria, filho de Sebastião Esteves e de Maria Esteves, morador no lugar da Cachada, faleceu a 22 de Dezembro de 1918.

Os assentos de óbito não registam a causa da morte. Por informações orais sabemos que pelo menos Deolinda de Carvalho Martins, Alexandre José Simões, Adelino Gomes Ferreira, Maria Gomes da Silva e D. Cristina de Jesus Macedo Pinheiro (Barroso) morreram vitimadas pela pneumónica. De muitos outros se depreende pela juventude de idade e pela proximidade cronológica, terem sido igualmente vítimas da temível pandemia de 1918. Podemos ver como pessoas da mesma família morrem em dias consecutivos, como é o caso de Domingos de Araújo e seu filho João Veiga de Araújo e dos dois filhos de Rosa da Silva, do lugar do Monte, Domingos e Manuel.

O pico de óbitos dá-se de facto entre os dias 7 e 15 de Novembro com sete mortes no espaço de oito dias. Recordo-me de ouvir o testemunho de contemporâneos da pneumónica em Remelhe referirem que o sino dava sinal de defunto mais do que uma vez por dia e que a doença ia grassando de casa em casa, infetando muita mais gente, que felizmente recuperou.

Da família de D. António Barroso faleceu com a pneumónica a mulher do sobrinho, D. Cristina de Jesus Macedo Pinheiro. Nascida a 21 de Agosto de 1886, no lugar da Revenda, em Travassós, no concelho de Vila Verde, foi professora primária na Escola de Góios e depois na de Remelhe<sup>(1)</sup>. Casou a 11 de Outubro de 1915, na igreja de Remelhe<sup>(2)</sup>, com o Professor António de Sousa Barroso (1886/1962), de quem foi primeira mulher, que era sobrinho de D. António Barroso (que foi quem presidiu ao casamento) e de quem teve dois filhos: D.ª Adozinda do Carmo Pinheiro Barroso (1916/1999) e o Eng.º António Pinheiro Barroso (1917/2000).

D. Cristina veio, pois, a falecer a 15 de Novembro de 1918, na Casa da Escola, em Remelhe, vitimada pela febre pneumónica, deixando a filha com dois anos e o filho com um ano. Foi sepultada no jazigo de família, no cemitério paroquial de Remelhe. O seu retrato<sup>(3)</sup>, que aqui reproduzimos, na Casa da Escola mostra esta senhora ainda jovem com a filha Adozinda, de dois anos de idade, ao colo, a poucos dias da sua morte. É o único registo fotográfico que possuímos de uma das vítimas da pneumónica de Remelhe.

<sup>(1)</sup> - Contava-me a minha avó Carolina da Silva Maciel Trigueiros (1894/1984), que quando D. António Barroso se achava em Remelhe no exílio, vivendo no lugar da Torre de Moldes, com o irmão, cunhada e sobrinhos e alguém lhe perguntava onde estava este sobrinho (Prof. António de Sousa Barroso), D. António, com o sentido de humor que o caracterizava, respondia: "O António foi a Góios dar vivas à Cristina".

<sup>(2)</sup> - Foram testemunhas deste casamento o Dr. José Júlio Vieira Ramos, notário em Barcelos que veio a ser presidente da Câmara de Barcelos e o Major José Simões da Silva Trigueiros, da Casa da Torre de Moldes.

<sup>(3)</sup> - Agradeço à família Barroso Simões, da Casa de Vilar, em Remelhe (filhos de D.ª Adozinda do Carmo Pinheiro Barroso e de Manuel Senra Simões) a cedência deste retrato.

## Por entre as cartas do missionário Barroso...

**Francisco Ferreira do Amaral, Governador Geral de Angola, enaltece o papel excepcional do missionário Barroso nos intrincados relacionamentos com o rei do Congo.**



Por Margarida Pogarell, profesora e escritora

Num impulso, o “L” de Luanda situa a carta, escrita à pressa, a 4 de outubro de 1883. É seu autor Francisco Ferreira do Amaral, Governador Geral de Angola. Na assinatura, o traço largo e firme acentua o orgulho no apelido Ferreira do Amaral.

Nesse tempo estava ao rubro a corrida para a África. A concorrência europeia, especialmente da Inglaterra, fazia objeções injustificadas, à ocupação das possessões por Portugal. Enquanto, em Ambriz e Lândana, os chefes locais assinavam tratados de vassalagem com Portugal, Lisboa coligia a documentação que fizesse prova do direito da soberania portuguesa, com base, em direitos históricos.

No Congo, o último elemento do triângulo vital, o missionário Barroso trocava as voltas aos manejos das grandes potências. O dinâmico padre, em pouco tempo conquistara influência e prestígio no Congo. Fazendo jus à sua missão evangélica e política, arrancara D. Pedro V às garras da poderosa propaganda protestante, ganhando ascendente sobre o “espírito” do rei do Congo. Num golpe inteligente, nomeara o príncipe, D. Álvaro, professor de instrução primária, e empenhara os seus esforços para incrementar a riqueza da região, desenvolvendo o comércio regular. Ganha a confiança do comerciante João Luiz da Rosa, da Casa Portuguesa, levando-o a criar uma filial, em S. Salvador, em 1883. No ano anterior, instalara-se a Casa Francesa, prevendo-se ainda o estabelecimento da Casa Holandesa.

Na embocadura do Zaire, no porto de Banana, centro estratégico de comércio, diferentes casas comerciais haviam fixado as suas sedes. Dentre elas, a Casa Holandesa era a mais antiga e a mais poderosa, com quatro vapores e vinte embarcações à vela. A Francesa dispunha de seis veleiros. A Portuguesa ficava-se por duas embarcações à vela.

Entretanto, a autoridade moral do missionário transparece no reiterar da promessa de vassalagem do rei do Congo a Portugal, expressa na carta de D. Pedro V ao Governador Ferreira do Amaral, a 3 de junho de 1883.

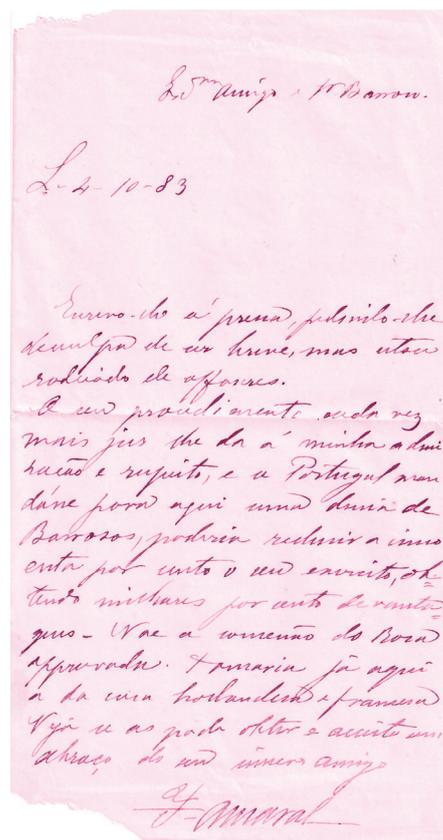
### “Uma dúzia de Barrosos”

Francisco Ferreira do Amaral reconheceu, por mais de uma vez, a audácia e perseverança de António Barroso, considerando-o, em documentos oficiais, “a única tábuca de salvação”, para preservar a soberania portuguesa na costa norte de Angola. Embora faça uma exceção honrosa “aos padres do Congo e ao padre Folga, no Caçango”, considera que os restantes padres de Cernache “só pedem dinheiro e honras de cônego, com expressa condição de não saírem de Luanda”, acusando-os ainda de se ocuparem “em trabalhos de secretaria” ou “em passeios seráficos pelos claustros”. O espírito militar de Ferreira do Amaral, habituado a ser obedecido, não se compadece com fragilidades nem se inibe de, com igual força, enaltecer os que o acompanham em determinação.

Numa letra inclinada e regular sobre linhas imperceptíveis, e sem ceder à pressa do momento, Ferreira do Amaral exprime firme a sua “admiração e respeito” pelo jovem missionário. Diz ainda que “Se Portugal mandasse para aqui uma dúzia de Barrosos, poderia reduzir a cinquenta por cento o seu exército, obtendo milhares por cento de vantagens.”

A acompanhar a carta, o Governador envia-lhe a concessão, por ele aprovada, para o estabelecimento da Casa Portuguesa e espera os pedidos das referidas casas Francesa e Holandesa.

O rei do Congo fazia concessões de terrenos para estabelecimento de casas comerciais com carácter provisório, mas a autoridade portuguesa tinha de aprovar a



Ferreira do Amaral, o governador que distinguiu o missionário Barroso.

instalação definitiva. Um duro golpe para a concorrente missão inglesa que teve de se sujeitar a aprovação do governo português.

Na carta, Ferreira do Amaral sublinha a sua estima pelo missionário, despedindo-se com “*um abraço deste seu imenso amigo*”.

Contudo a admiração que Francisco Ferreira do Amaral nutria pela personalidade do missionário Barroso, assentava também na sua docilidade e na profunda, quase ingénua, dedicação deste à causa civilizacional. O missionário nem sempre pôde contar com a ajuda do Governador, suportando, estoicamente, todas as vicissitudes, colocando em risco o seu trabalho e a sua vida. Quando desenvolveu o comércio em S. Salvador, pediu, repetidamente, que lhe fossem enviadas tropas para proteção da capital. Ao fim de três anos, a resposta continuava a ser negativa. Viu morrer o padre Francisco Maria Sampaio, a 28 de julho de 1884, quando pedira que o retirassem, por doença grave, um ano antes. Em 1886, reitera o pedido de um novo membro para a missão, cujas largas tarefas continuava a assumir com o padre Sebastião José Pereira, seu antigo colega no seminário de Cernache e fiel companheiro de missão.

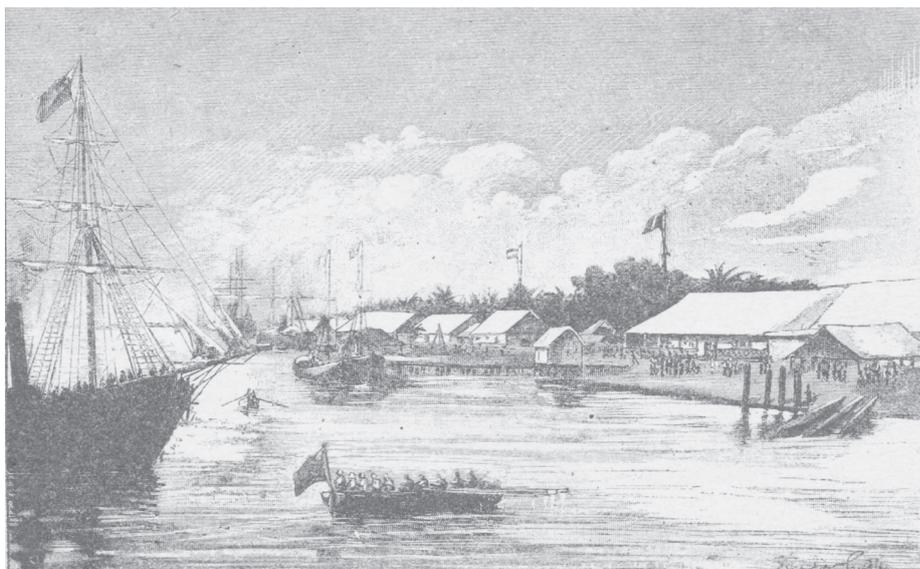
## **Francisco Ferreira do Amaral, Governador de Angola**

Francisco Joaquim Ferreira do Amaral nasceu em Lisboa, a 11 de junho de 1844, no seio de uma família de tradições militares. Ficou órfão de pai aos cinco anos. Cresceu a ouvir contar os momentos de coragem e heroísmo de João Maria Ferreira do Amaral, seu pai, capitão de mar e guerra e Governador de Macau, entre 1846 e 1849. Nesse mesmo ano, seria brutalmente assassinado, na China, por um grupo de chineses, desagradados com as duras medidas que o governador ali introduzira. Ao destemido capitão não eram estranhas as mais perigosas situações bélicas. O “*herói de Itaparica*” chegara mesmo a perder um braço, no Brasil. Em 1883, a mãe, D. Maria Helena de Albuquerque, recebeu de D. Luís I o título de baronesa de Oliveira Lima.

O jovem Ferreira do Amaral parece ter sorvido o patriotismo e determinação paternos. Aos 12 anos, na esteira do pai, escolhe a carreira naval e entra para a Armada Portuguesa. Estuda na Escola Politécnica. Terminados os estudos, em 1861, inicia uma longa e movimentada vida militar e pública, na metrópole e no ultramar. Comanda navios de diferente calado.

Participa em operações militares, em África.

Em 1879, aos 34 anos, governa Moçâmedes e, no ano seguinte, S. Tomé. De



**O porto de Banana e as casas comerciais, em 1887.**

1882 a 1886 é Governador de Angola. No mesmo ano, é indigitado para a Índia, mas não toma posse do cargo, por falecimento da sua mulher, Carolina Amélia Bastos. Além de almirante da Marinha Portuguesa, Ferreira do Amaral foi membro da Junta Geral das Missões Ultramarinas, do Instituto Ultramarino e presidente da Sociedade de Geografia. Exerceu vários cargos políticos de relevo na última fase da monarquia. Foi deputado, ministro da Marinha, dos Negócios Estrangeiros e presidente do Conselho de Ministros, no governo de aclamação de D. Manuel II.

Homem de têmpera, este político revelou sempre uma personalidade combativa, inquieta e rigorosa, o que lhe haveria de criar alguns contratemplos. Após a instauração da República filia-se no Partido Republicano Português, de Afonso Costa, para desgosto dos monárquicos. Estes apelidavam-no de Makavenko, por integrar a sociedade secreta dos Makavenkos, grupo formado por gente de esquerda e republicanos, entregue aos prazeres da vida. Ferreira do Amaral falece em Lisboa, a 11 de agosto de 1923.

## **Doas vidas, o mesmo combate**

Ferreira do Amaral e António Barroso são dois homens de ação. Forjados no cumprimento do dever e no amor à pátria, sob a égide de velhos heróis, não baixam os braços nem temem o sacrifício da própria vida. Austero e inflexível, o militar. Austero, mas não intolerante, o missionário. Unidos numa luta assimétrica e contra o tempo pelos direitos de um Portugal politicamente instável e sem recursos, à beira da humilhação imposta por poderosos interesses in-

ternacionais. Ombro a ombro, o experiente governador e o jovem missionário esgrimem, sem descanso, as armas da força, da fé e da diplomacia. Portugal, apesar das cedências, haveria de manter a soberania das suas possessões. Homens de visão, enriqueceram as tarefas de que foram incumbidos. Antes de partirem para novas aventuras, ambos tentaram criar as bases para o desenvolvimento futuro do território angolano.



**Estátua de João Maria Ferreira do Amaral, pai de Francisco Ferreira do Amaral, inaugurada em 1940, em Macau. Removida, por vontade das autoridades chinesas, em 1992, no âmbito das negociações para a transferência da administração portuguesa para a R.P.C., foi transportada para Portugal, sem o pedestal. Está agora colocada em Lisboa, no Bairro da Encarnação.**

Colónia, 11 de março de 2021

## TESTEMUNHO

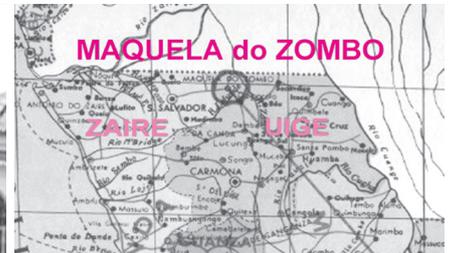
### A acção evangelizadora de D. António Barroso no Norte de Angola



Por **Luciano Simão**, Missionário da Boa Nova, estagiário

«Louvemos os homens ilustres, nossos antepassados, segundo as suas gerações. O Senhor deu-lhes grande glória e magnificência, desde o princípio do mundo. Eles governaram nos seus reinos, homens famosos pelo seu poder, conselheiros pela sua inteligência, anunciadores de oráculos proféticos. Guias do povo, pelos seus conselhos, chefes do povo, pela sagacidade, sábios narradores pelo seu ensino...» Livro do Eclesiástico 44,1.10-15.

A nossa ligação à fé em Cristo chegou até nós por D. António Barroso, através dos nossos pais e dos nossos avós. Temos, por isso, que reverenciar o que os missionários do Colégio das Missões Ultramarinas, em especial o Venerando D. António Barroso, fizeram nas terras donde sou natural, no norte de Angola, na altura Angola-Congo. Foi por eles que nos chegou o anúncio da Boa Nova do Filho de Deus, morto e ressuscitado. Queremos viver em sintonia com aqueles que nos comunicaram a alegria da ressurreição de Cristo,

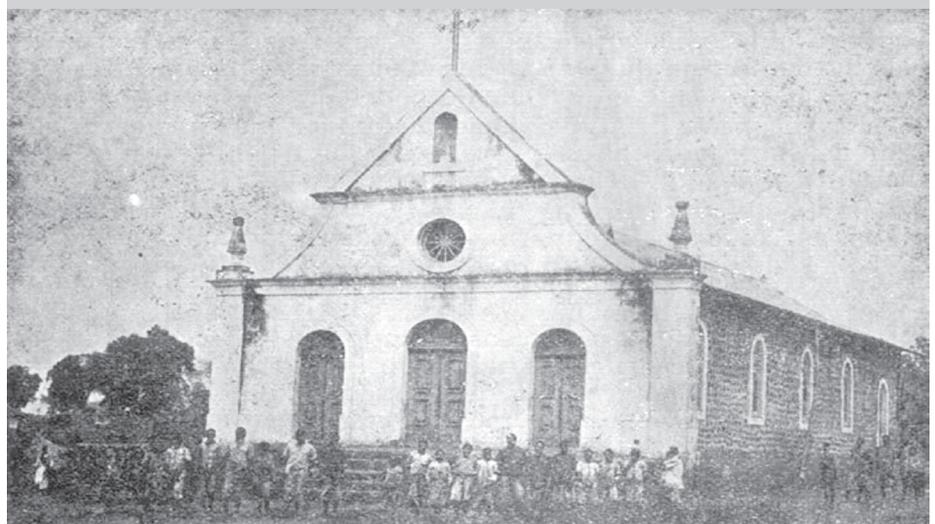


**Missão Católica de Maquela do Zombo, Norte de Angola, em 2003. No fundo da página, igreja da vizinha Missão de S. Salvador do Congo, fundada pelo Padre Barroso.**

**Maquela do Zombo** fica no Norte de Angola, Província do Uíge, muito próximo da fronteira com a República do Zaire, e cerca de 113km a Este de São Salvador do Congo, actual M'banza-Kongo. Foi uma povoação importante do antigo Reino do Congo, como se confirma pela existência de uma igreja quinhentista, classificada como monumento nacional, a segunda igreja mais antiga de todo o território de Angola.

O general Norton de Matos que governou Angola, de 1912 a 1915, e, depois, de 1921 a 1924, como Alto-Comissário, sonhou transformar a histórica vila numa cidade e fazer dela a capital do distrito do Congo Português, capaz de rivalizar com as capitais do Congo Belga e do Congo Francês, respectivamente Leopoldville (actual Kinshasa) e Brazzaville. O projecto foi abandonado logo que ele deixou o governo da colónia, e Maquela do Zombo manteve-se como simples vila fronteiriça. A sua população de escassos milhares de habitantes (300.000 em 2013) vivia sobretudo do comércio.

Os Zombos sempre tiveram a reputação de grandes comerciantes. Bentley refere-se-lhes como "comerciantes activos e inteligentes, e como uma raça muito fina". O Padre Barroso, da Missão Católica de S. Salvador, que conheceu os Zombos de perto, na mesma época, também se lhes refere em termos muito elogiosos. Escreve que, «atirado pela curiosidade de visitar o Zombo», marcou o dia da partida para 20 de Julho de 1886. E acrescenta: «Na minha excursão realizada ao Zombo, região que nos está aqui à porta e que nos tempos modernos não foi visitada por algum viajante, fui optimamente recebido em toda a parte, e julgo não haver dificuldade em fundar missões entre eles» (**Trabalhos da Missão Portuguesa de S. Salvador. Apontamentos de uma viagem ao Bembe, 20-I-1884**).





O autor, Luciano Simão, é membro da Sociedade Missionária da Boa Nova. Estagiário, aguarda ordenação diaconal. Em cima, à esquerda, no jardim interior do Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, onde reside, e, à direita, em frente da Universidade Católica do Porto, onde concluiu a licenciatura em Teologia.

Os missionários de Cernache ajudaram-nos a reencontrar o nosso eixo, a reencontrar aquele fio condutor que nos permite agir, decidir e avançar rumo ao futuro, fio que nos estimula todos os dias. Queremos agradecer tudo o que nos permite ser o que somos, como somos e a maneira como nos ajudaram a cumprir cada vez melhor a nossa missão de cristãos.

O missionário de Remelhe ao serviço da Igreja, formado no Colégio das Missões Ultramarinas, Cernache do Bonjardim, embarcou para Angola com diversos padres, no quinto dia do mês de Agosto do ano 1880, na companhia de D. José Sebastião Neto, que tinha sido nomeado Bispo de Angola e Congo. (F. Gomes, José, *Súmula Biográfica de D. António Barroso*, 2 Ed. Lisboa, 2008, p.35). Partiu com incumbência específica de ir restaurar e revitalizar a antiga Missão Católica de São Salvador, no Congo Português, sede da primeira Diocese Católica ao sul do Sara, que havia sido, nos séculos passados, o elo de ligação entre as coroas amigas do Congo e de Portugal. Poderíamos dizer tal como escreve Amadeu Araújo, que D. Barroso, soube conjugar muito bem a cidadania e o múnus pastoral, cumprindo como poucos a dupla obediência evangélica a César e a Deus, sem divergência ou oposição, sem mistura, nem comparação, (Araújo, Amadeu Gomes, *D. António Barroso Memórias de um Bispo Missionário*, Ed.

Fundação Portucalense, Porto, 2012, p. 5).

Para cumprir essa missão de restaurar e revitalizar a antiga Missão Católica de São Salvador, no Congo Português, era preciso usar a metodologia paulina da evangelização: «*E fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da lei, como se estivesse debaixo da lei, para ganhar os que estão debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivesse sem lei (não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo). Fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. E eu faço isto por causa do evangelho, para ser também participante dele (1 Cor 9,20-23)*».

De facto, D. António Barroso, viveu a experiência kenótica de Paulo de Tarso, identificou-se com o povo local para poder transmitir a identidade de Jesus Cristo nele configurada pelo ministério de sacerdote, mergulhou na cultura local para dele identificar os elementos essenciais para anunciar o Evangelho de vida, com a cruz na mão direita e a enxada na mão esquerda. A cruz redentora do homem em Jesus Cristo, e a enxada, instrumento de sustento de vida do homem *Bakongo*, (o homem da cultura kikongo, norte de Angola). D. António Barroso anuncia a redenção do homem no seu conjunto: cultural, política, intelectual e mesmo na sua dimensão de sociabilidade.

De facto, neste vasto território do Congo, o Padre António Barroso, exerceu uma generosa e inteligente actividade missionária; investigando a acção missionária anterior, conseguiu apurar e localizar a existência de 12 igrejas católicas no território de um dos reinos mais poderosos e maiores de África. Fez-se amigo sincero do rei para captar a sua benevolência, que estava a ser arrastada para os interesses de outras nações que pretendiam desfigurar o Evangelho da Boa Nova.

Restaurou a Igreja no seu sentido *Ekklesia*, povo de Deus peregrino. Restaurou locais de culto, residências para os missionários, capela, escola, hospital, observatório meteorológico e granja agrícola (M.B. Adílio José, *António Barroso e a Primeira República*, Ed. Câmara Municipal de Barcelos, 2005, p. 19), e atendeu sobretudo, à questão da organização da Igreja local em harmonia com a Igreja universal: organização, formação e unidade do clero. Pregou Cristo, ensinou a doutrina, organizou e administrou os sacramentos.

Para terminar, foi com grande honra e entusiasmo que escrevi este artigo. Sinto que é uma obrigação moral reconhecer as melhorias trazidas à minha terra pelo Missionário António José de Sousa Barroso. Uma grande gratidão pela sua experiência viva da fé em Cristo, pelo zelo evangélico que nos transmitiu.

## **PARABÉNS À SENHORA D.<sup>a</sup> OTÍLIA BARROSO TRIGUEIROS!**



Otília Barroso Limpo Trigueiros, sobrinha-neta de D. António Barroso e decana da família Barroso, completou 90 anos de idade no dia 19 de Abril de 2021. Parabéns, flores, saúde e longa vida são os votos do *Boletim do Venerável D. António Barroso* para a amável Senhora D.<sup>o</sup> Otília! Na foto ao lado, o seu sobrinho, Pe. António Júlio Limpo Trigueiros, SJ, junto à estátua de D. António Barroso, em frente ao Seminário das Missões de Cernache do Bonjardim, onde o insigne missionário, tio-avô da aniversariante, recebeu formação missionária.



Conheça o  
**Venerável D. António Barroso**  
leia  
[www.domantoniobarroso.pt](http://www.domantoniobarroso.pt)

**MORADA DO BOLETIM: RUA DE LUANDA, N.º 480 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS**

Conta do «Grupo de Amigos de D. António Barroso», na Caixa Geral de Depósitos, Oeiras, para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim:

**NIB: 003505420001108153073 IBAN: PT50003505420001108153073 BIC: CGDIPTPL**

## TRIBUNA DO LEITOR



Grande parte da correspondência chega-nos por e-mail, redigida em inglês ou espanhol (de países latino-americanos) e o assunto é sempre: “Request”, “Solicitud de reliquia”, “Pedido de relíquia”, “Santinho com relíquia”... Aproveitamos para informar, mais uma vez, os amigos, admiradores e devotos de D. António Barroso, que não dispomos que quaisquer relíquias para envio.

O que aguardamos e agradecemos são sugestões com vista a melhorar a divulgação da vida, obra e virtudes do Venerável Bispo Missionário. São bem-vindas também quaisquer notícias sobre graças recebidas.

Bem acolhidas são ainda algumas fotografias que nos têm sido enviadas e que divulgaremos nos próximos números, como esta que agora juntamos. É a capa da *Ilustração Portuguesa*, de 19 de Julho de 1909, com a legenda: “A comemoração da guerra peninsular no Porto. O rei e o bispo na cerimónia do lançamento da primeira pedra do monumento”. Trata-se do monumento aos Heróis da Guerra Peninsular (1807-1814), erigido no centro da rotunda da Boavista, no Porto. Reconhecido, o Boletim agradece, o gesto amável do nosso leitor e colaborador António Miguel São Bento (Antosbento).

### CONTAS EM DIA

A última relação de contas (até 28 de Fevereiro de 2021), está disponível no Boletim n.º 32, III Série. De 1 de Março de 2021 até 15 de Junho de 2021, realizaram-se as seguintes **despesas**: Escola Tipográfica das Missões (Boletim n.º 32): 580,68 €; consumíveis e correio: 55,00 €. **TOTAL : 635,68 €.**

No mesmo período, recebemos o seguinte **donativo** para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim: Dr. José Manuel M. : 30,00 €. **TOTAL: 30,00 €.**

### CONTACTOS

O processo de D. António encontra-se na Congregação para a Causa dos Santos a aguardar que surja um milagre. Se o caro leitor entender que recebeu alguma graça extraordinária (milagre), alguma resposta extraordinária às preces que dirige a Deus, por intercessão do Venerável D. António Barroso, informe o Postulador, Padre João Pedro Bizarro, pelo tlm. 913366967, ou o Vice-Postulador, Amadeu Gomes de Araújo, pelo tlm. 934285048.

Se preferir informar por escrito, use a seguinte direcção: **CAUSA DA CANONIZAÇÃO DE D. ANTÓNIO BARROSO / RUA DE LUANDA, N.º 480, 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS, CASCAIS**